

# RUI, O ARTISTA

*ANTÔNIO MARTINS FILHO*

Catedrático de Direito Comercial

## A PERMANÊNCIA DA ARTE NO ESPAÇO E NO TEMPO

A arte, como expressão de sentimento estético, é imutável, universal, eterna.

Imutável, porque é a estratificação de um ideal — o Belo — através dos tempos. Daí a afirmação de que “na cronologia da beleza não há arte antiga nem arte moderna. Existe apenas arte, isto é, a eterna reprodução das coisas eternamente belas”.

Em sendo imutável, a arte é também universal. Cultuá-la, em qualquer de suas várias manifestações, não constitui privilégio ou monopólio dêste ou daquele agrupamento humano. É que o sentimento do Belo — a sua própria razão de ser — pertence a todos os povos.

Da mesma forma que não é possível situá-la no tempo, desde que aquêle sentimento irrompe inelutável em tôdas as eras, não podemos, por igual, enclausurá-la no espaço, inexistindo, assim, limites telúricos para os seus incomensuráveis horizontes.

Se povos longínquos do Oriente procuraram exteriorizar, pela arte, os mais sublimes dos seus sentimentos, em obras mui-

tas vêzes desagradáveis para os que não têm afinidades com aquelas gentes, também as civilizações Ocidentais buscam igualmente realizar, consoante as suas tendências, obras de arte que àqueles podem parecer estranhas.

Nuns e noutros, porém, existe um elemento invariável — o culto do Belo. E é em função da permanência dêsse elemento que ressalta a universalidade da arte.

Finalmente, a arte é eterna, desde que é universal e imutável.

A constância do sentimento do Belo, no espaço e no tempo, reflete e afirma a imperecibilidade do ideal estético. Podem variar os conceitos ou as interpretações sôbre o que constitui em essência o Belo. Aquêlê ideal, porém, jamais deixará de existir, pois que é imanente à mais pura e requintada sensibilidade humana.

Ora, tanto é verdade que a arte é imutável, universal e eterna, que hoje podemos facilmente aquilatar o grau de cultura que atingiram povos antigos pelo acervo artístico que nos legaram.

O Templo Egípcio não é apenas a obra monumental que serviu de modelo aos templos gregos e romanos ou às catedrais da Idade-Média. É também, e principalmente, o conjunto de duas unidades estranhas que serviram de abrigo aos deuses, em cujos ritos de adoração se poderiam resumir tôda a vida espiritual daqueles povos. Consequentemente, a obra de arte egípcia fêz com que se perpetuassem sinais indeléveis para o conhecimento de sua grande civilização.

O mesmo poder-se-ia dizer em relação às obras de arte da Babilônia e da Caldéia, com as suas abôbadas e os seus ladrilhos esmaltados. Da Grécia, com as suas cerâmicas e colunatas. De Roma, com a austeridade e imponencia das suas construções.

Para os estudiosos, com efeito, em tôdas elas existem, bem

vivas, mil e uma facêtas de civilizações que, por séculos, foram as mais célebres e notáveis do mundo.

### A OBRA DE ARTE E O ARTISTA

Assim como não é possível separar o efeito da causa, assim também se torna inadmissível isolar a obra de arte do seu criador.

Na verdade, todo monumento pressupõe alguém que o idealizou e o realizou. Poderá êsse alguém ser conhecido ou desconhecido. No entanto, em qualquer época ou em qualquer parte, os estudiosos sempre o qualificarão no justo valor dos seus méritos, uma vez que o seu gênio artístico está presente na manifestação do sentimento estético que corporizou.

Daí porque muitas das obras de arte que nos foram legadas pelo passado, na pintura, na escultura, na música ou nas letras, apesar de não terem autores identificados, permanecem, através dos séculos, como documentos vivos da genialidade dos seus criadores.

É que o artista é um ser dotado de qualidades especialíssimas e, como indivíduo, permanece na memória dos povos apenas por essas qualidades.

Tal conclusão mais se evidencia exatamente quando estudamos as obras de arte de artistas conhecidos. A vida particular dêesses homens como que se vai diluindo na poeira dos tempos e quase nada hoje nos interessa, a não ser pelo seu lado pitoresco.

Miguel Ângelo, por exemplo, amigo e inimigo de papas, gênio irritadiço e supersticioso ao extremo, não merece ser lembrado por essas peculiaridades e sim pelas suas admiráveis esculturas e pelos majestosos quadros que ornaram as mais ricas coleções do mundo.

As mesmas considerações poderíamos formular em relação a outros artistas de renome, a um Ticiano — com a sua mania

de exagerar a idade para fazer realçar, ainda mais, a sua já invejável resistência orgânica; a um Leonardo da Vinci — o mais irrequieto dos grandes artistas e bem assim o que mais se destacou pela inconstância; a um Beethoven que, amante dos princípios republicanos, se mostrava facilmente apaixonável pelas questões políticas e mais ainda pelas mulheres.

Também entre nós poderíamos salientar os casos de Machado de Assiz e Raimundo Correia — o primeiro atacado do que se poderia chamar *complexo burocrático*; o segundo, juiz em pequena cidade do interior, onde vivia inteiramente apavornado de que se descobrisse aquilo que justamente lhe perpetuou o nome, ou seja o fato de ser poeta.

No entanto, se o Machado-funcionário sobrevive em alguns dos tipos de sua obra, não é por essa razão que todos nós o admiramos, como não é pelo fato de Raimundo Correia haver sido magistrado — circunstância quase totalmente ignorada hoje — que admiramos a sua obra poética.

A êsses nomes e a muitos outros que a êles poderíamos adicionar, a história não reverencia pelas atividades particulares que tenham exercido. Se, dos mais novos — Machado de Assiz e Raimundo Correia entre nós, Goethe e Chateaubriand entre os estrangeiros — ainda podemos destacar algumas dessas circunstâncias que não dizem respeito pròpriamente à obra de arte que nos legaram, dos mais distantes só as produções artísticas atestam a sua passagem pela terra, porque nessas obras está cristalizado o seu gênio em função da arte e só esta, como já fizemos sentir, é imutável, universal e eterna.

Precisamente por isso é que se torna difícil o julgamento do artista pelos seus contemporâneos. Êstes, como aquêle, vivem sob as mesmas influências do ambiente que os envolve e difficilmente poderão dissociar as qualidades que fazem do artista

um ser excepcional de outras que, aos olhos de todos, muitas vêzes parecem mais atuantes ou decisivas na caracterização da personalidade.

Ainda mais difícil se torna êsse julgamento quando o artista se destaca em outros campos de ação, dêles se utilizando como veículo de sua genialidade.

É o caso, por exemplo, dos tribunos que também são políticos, mas que são, sobretudo, artistas, como, na antiga Roma — Cícero e Catão e, no Brasil, a figura excepcional de Rui Barbosa.

### RUI, O HOMEM

Com efeito, durante tôda a sua vida e até mesmo depois de sua morte, as qualidades de homem público de Rui quase que superaram, para os seus contemporâneos, as qualidades do artista puro que sempre transpareciam na sua palavra falada ou escrita, ainda mesmo quando tratava assuntos áridos e especializados.

Êle mesmo, por ocasião de ser inaugurado o seu busto na Biblioteca Nacional, na suposição de que enalteciam o artista para ofuscar ou diminuir o político, assim se manifestou, no agradecimento ao discurso de Constâncio Alves :

“Mas qual é, na minha existência, o ato de sua consagração essencial às letras? Onde o trabalho que assegure à minha vida o caráter de predominante ou eminentemente literário? Não conheço. Traços literários lhe não minguem, mas em produtos ligeiros e acidentais, como o “Elogio do Poeta”, a respeito de Castro Alves; a oração do centenário do marquês de Pombal; o ensaio acêrca de Swift; a crítica do livro de Balfour; o discurso do Liceu de Artes e Ofícios, sôbre o desenho aplicado à arte industrial; o discurso do Colégio Anchieta; o discurso do Instituto dos Advogados; o parecer e a réplica acêrca do Código Civil; umas duas tentativas de versão da poesia inimitável de Leo-

pardi; a adaptação do livro de Calkins, e alguns artigos esparsos de jornais, literários pelo feitio ou pelo assunto.

Que mais? Não sei, ou de pronto me não lembra. Tudo o mais é política, é administração, é direito, são questões morais, questões sociais, projetos, reformas, organizações legislativas.

Tudo o mais demonstra que esses cinquenta anos me não correram na contemplação do belo, nos laboratórios da arte, no culto das letras pelas letras. Tudo o mais está evidenciando que a minha vida tôda se desdobra nos comícios e nos tribuneis, na imprensa militante ou na tribuna parlamentar, em oposições ou revoluções, em combate a regimens estabelecidos e organização de novos regimens. O que ela tem sido, a datar do seu primeiro dia, a datar do brinde político a José Bonifácio, em 13 de Agosto de 1868, é uma vida inteira de ação, peleja ou apostolado”.

Vivendo em uma época de profunda agitação e de transformação completa de nossa paisagem política, nelas tomando parte saliente e, para isso, servindo-se de sua cultura inigualável, vê-se que o próprio Rui se deixou empolgar por essas lutas transitórias, subestimando aquilo que, em verdade, perpetuará o seu nome na história, isto é, as suas admiráveis qualidades de artista, qualidades que, aliadas a uma coerência de atitudes e valentia moral insuperáveis, lhe granjearam fama inexcédível na tribuna e na imprensa — os dois vastos campos em que se notabilizou, notabilizando a sua pátria.

Quais eram, em resumo, os ideais dessa luta que tanto absorveu os seus contemporâneos e que a êle próprio tanto empolgou, a ponto de colocá-los acima da obra de arte que produziu? — Combate contra a propriedade servil. Ataques à legislação eleitoral. Lutas pela modernização do ensino; pela separação da igreja do Estado; pela criação do Tribunal de Contas. Combate contra os desmandos de Floriano, a aposentadoria forçada dos magistrados, os excessos do poder. Acima de tudo, a campanha

civilista, a que se devotou de corpo e alma; os ataques ao estado de sítio, visivelmente mal aplicado; e, no âmbito internacional, a defesa da força do direito contra o direito da força, sob a inspiração de um ideal de paz, de justiça e de liberdade.

A isso e a muitas coisas mais neste sentido, Rui dedicou a maior parte de sua existência.

Não se pode negar que foi uma luta meritória, porque, acima de tudo, visava à defesa de sagrados princípios, sob cuja égide deveriam ser plasmadas as nossas instituições.

Para qualquer outro, que não êle, seria uma obra gloriosa e, como tôda obra gloriosa, limitada apenas à vida do seu autor ou, quando muito, a quatro ou cinco gerações seguintes.

Mas, sendo Rui o artista máximo da palavra já nascido em terras do Brasil, um dia passarão as repercursões que as suas campanhas geraram no seio do povo brasileiro.

A sua palavra, porém, como obra de arte, jamais desaparecerá, como até hoje ainda nos impressionam a *Oração à Coroa*, de Demóstenes e as *Catilinárias*, de Cícero.

### RUI E A CRÍTICA

Efetivamente, mesmo os seus contemporâneos, ao referir-se à personalidade de Rui, sempre destacaram nele o artista da palavra, contrariando assim o seu próprio ponto de vista, convencido, como êle era, de que a sua missão política superava o homem de letras que nele residia.

Joaquim Nabuco, seu antigo colega, que teve, como êle, papel preponderante na vida do Brasil, já afirmava que Rui “levou vinte anos a tirar do minério do seu talento, a endurecer e temperar o aço admirável que é agora o seu estilo”.

Por outro lado, Martin Garcia Merou, no seu livro de im-

pressões e notas literárias *El Brasil Intelectual*, publicado em 1900, entusiasticamente declara :

“Ante los escritos de Ruy Barbosa, no se sabe qué admirar más, si el hombre de letras, el cultor de la frase, el artista de la forma ó el pensador vigoroso y original, el jurisconsulto ó el estadista de concepciones transcendentales. Desde luego, posee en su estilo un instrumento inmejorable de producción intelectual. Es un estilo preciso y amplio ao mismo tiempo, con sonoridades de bronce y con aristas de acero, sedoso y metálico, sencillo y grandilocuente, en que se mezclan, sin confundirse, la perfeccion de la línea de Renan y la intensidad corrosiva de Froude. Como todos los grandes escritores, Ruy Barbosa posee á fondo sua lengua y dispone de un vocabulario enorme. Siendo el más elegante es al mismo tiempo el más purista de los literatos brasileiros, lo que no le impide conocer, como pocos, las literaturas extranjeras y dominar el inglés, como si hubiera nascido á las orillas del Támisis. Añadid á estas condiciones, una cultura literaria tan vasta como intensa, un talento natural extraordinário, una disciplina intelectual estricta, y tendréis la clave de todos sus escritos tan notables por la amplitud de la información y de la doctrina, como por las dotes plásticas, por decirlo así, de su estilo pintoresco y colorido”.

Também Júlio Dantas, ante a beleza do estilo de Rui, não se contém e exclama: “Rui Barbosa, o mais alto expoente da mentalidade brasileira contemporânea, organização privilegiada de super-intelectual, espécie de semi-deus da palavra falada e escrita... produto equatorial, ciclópico, da natureza do Brasil, em cujo espírito eu admiro todo o esplendor, tôda a exuberância, tôda a magnificência das selvas tropicais...” (1).

---

(1) Vide CLODOMIR CARDOSO — *Rui Barbosa*, Rio — 1927, págs. 78 e 79.

Um outro grande intelectual lusitano, Cândido de Figueiredo, teve conceito semelhante ao de Júlio Dantas, quando, com a sua autoridade de mestre, declarou: “Bastará folhear a *Réplica às defesas da redação do projeto do Código Civil*, *Réplica* que é um monumento da linguística e da dialéctica, bastará folheá-la, com olhos de vêr e olhos de português, para nos convenceremos de que ainda se não publicou obra mais profunda e mais prestadia, em assuntos de língua portuguesa”. (2)

Mesmo aqueles que não conheciam a fundo o nosso idioma, não deixavam de, ouvindo-o, reconhecer em Rui o grande artista que êle era. Foi o que aconteceu com Guglielmo Ferrero que, depois de ouvi-lo, assim se expressou: “Que beleza de forma ! Que nobreza de sentimentos ! Que elevação de idéias ! Há em Rui Barbosa um pensador e um artista; e as duas personalidades, em lugar de se prejudicarem, completam-se e emprestam uma à outra o mais vivo brilho” (3).

Se os contemporâneos dêsse modo se manifestaram sôbre Rui-artista, também os pósteros jamais deixaram de reconhecer nele o grande artífice da palavra, o burilador da frase, o profundo conhecedor do idioma, o arquiteto do verbo, como obra que jamais desaparecerá de nossa língua.

É o que nos demonstra exuberantemente Clodomir Cardoso, no substancioso ensaio em que estuda a integridade moral do grande mestre e a unidade de sua obra. Diz êle :

“À clareza, com que exerce a sua função significativa, o estilo de Rui Barbosa reúne sempre a elegância, com a qual desperta no nosso senso estético a mais agradável emoção, atraíndo-nos para junto do coração do autor e fazendo-nos esque-

---

(2) Vide CLODOMIR CARDOSO, obr. cit., pág. 79.

(3) Vide CLODOMIR CARDOSO, obr. cit., pág. 79.

cer, pela vida com que palpita, que a morte paralizou êsse músculo”.

.....

“É a própria vida do seu criador, o caráter, o temperamento, a pessoa dele, que ressaí do equilíbrio dêsse estilo: da amplitude dos períodos romanos, em que tantas vezes se resolve, sobretudo na sua forma oratória; dos espítetos superlativos e daqueles cuja falta de contôrno nos dá a sensação do ilimitado; dos substantivos extraídos de outros, a êstes antepostos, e pelos quais o escritor, que com êles substitui o adjetivo, fluidifica e espiritualiza a frase; da largueza do ritmo e do desdobramento das imagens; da música que integra as palavras, e das metáforas, das comparações, daquelas trilogias de idéias crescentes tão do seu gôsto, processos pelos quais as idéias procuram dar vida e sensibilidade às coisas ou passar de um a outro meio, de uma a outra forma, no ardor por se exibirem em todos os seus movimentos e sob todo sos seus aspectos”.

.....

“A precisão intelectual dêsse estilo é rigorosa e a sua riqueza estética um recreio constante” (4)

Batista Pereira, que o conheceu profundamente e lhe dedicou uma admirável veneração, êle, que era também um artista excepcional, assim termina a apreciação que, à guisa de prefácio, antepõe à *Coletânea Literária* do mestre insigne, que organizou e anotou :

“Artista, Rui o foi pela capacidade de compreender o Universo sensível, em toda a complexidade dos seus aspectos e das

---

(4) CLODOMIR CARDOSO, obr. cit., págs. 63, 64, 65 e 68.

suas relações. Éco sonoro dos sentimentos e das aspirações do seu tempo, sua alma teve a ressonância interior e a acústica da dos grandes sinfonistas. Beethoven da prosa, não o foi porque o quisesse ser : o Deus que habita em nós todos, segundo o poeta latino, e que uns ouvimos e outros não, falava mais alto nêle e êle o deixava falar.

A sua missão neste mundo foi pôr a sua sensibilidade fremente a serviço de um ideal de justiça e liberdade, de que só temos recuado, foi ser um instrumento tão delicado e melindroso que lhe não escapou nenhuma vibração do presente, capaz de repercutir no futuro. As suas antecipações são celebres; profetizou a abolição, a república, o militarismo, a ditadura, a introdução da política na justiça, e na ordem exterior a vitória dos aliados e as consequências da precipitação do armistício.

Mas, pós também essa sensibilidade fremente ao serviço da arte, que é trabalho, paciência, perfeição. Lapidou o pensamento até que ele tivesse a pureza de refração do diamante. Nunca se contentou com o bom. Buscava sempre o ótimo”.

Fernando Nery, no antelóquio em que justifica a publicação, em volume, de *Esfola da Calunia*, setencia judiciosamente, numa prosa escorreita, a que se segue um autêntico decassílabo : “Rui será lido e relido enquanto durar o idioma, que êle marmorizou, lavrando e esculpindo, com o seu Verbo, as belezas sem par do seu estilo”.

João Mangabeira, que há pouco publicou um trabalho, talvez o mais completo, sôbre Rui, igualmente acentua :

“Páginas de arte, de pura arte, êle as escreveu ao longo de sua vida, e como tais, hão de perdurar, enquanto durar a nossa língua. Delas já enumerei um longo ról.

E além dessas, só um artista, e grande entre os maiores, poderia idear e compor as suas perorações sôbre a Caridade, o Espírito dos Pais, a Justiça e a Morte, a Mocidade, a Liberdade, a Cruz e o Mar, Deus, a Paixão da Verdade, ou os exórdios

do panegírico de José Bonifácio, do elogio de Machado de Assis, da Conferência de Buenos Aires, ou sobre a Felicidade, o Sertão e o Mar, e sobre São Paulo em 1910, ou a Baía em 1888, 93, 97, 907, 918 e 919, cuja visão se nos apresenta sob uma forma nova em cada uma dessas evocações, mas todas elas com a perfeição de um pincel de mestre em telas maravilhosas.

Sòmente um grande artista poderia debuxar os quadros das andorinhas de Campinas, do carangueijo, do estouro da boiada, ou escrever páginas como a ironia, o eco, retórica ou eloquência, malária, a couve e o carvalho, os enterros de Luiz XIV e Luiz XV, a colera dos justos, ou redigir *Direito da Vaia*, *Ano Bom*, *O fim dos Audazes*, *Conspiração das Consciências*, *Hino a Pernambuco*, *Difamação*, ou Saudação aos Jangadeiros do Norte.

Mas, seria um nunca acabar se eu fôsse enumerar todos os trechos de pura arte que Rui intercalou nas suas orações, nos seus escritos e até nos seus trabalhos forenses. O fato é que de arte se impregnou e revestiu tudo quanto lhe saiu dos lábios ou da pena, tão apurada a perfeição da forma em que o seu pensamento se vasava” (5)

E ainda Américo Jacobina Lacombe, ao prefaciар os *Ensaíos Literários* publicados já em comemoração ao centenário de nascimento do emérito artista o reafirma: “Deante da opulência da produção de Rui, pois, não é possível deixar de manifestar-se a reverência do trabalhador intelectual, pela grandiosidade do monumento que ele ergueu, do travejamento do seu arcabouço”. E mais adiante conclui: “Uma vista geral sobre essas produções revela afinal que, em todas as intervenções literárias, foi sempre um aspecto de sua própria personalidade que Rui Barbosa encarou e defendeu”.

---

(5) JOÃO MANGABEIRA — *Rui, O Estadista da República*, Liv. José Olímpio, Rio — 1948, pág 21 e 22.

## RUI, O ARTISTA

Dessas citações e de inúmeras outras que para aqui poderíamos transladar, ressalta exuberantemente que Rui foi sempre considerado, pelos seus contemporâneos e pelos pósteros, um artista da palavra, e dos maiores de quantos se utilizaram da língua portuguesa.

O seu estilo é inconfundível. A frase, mesmo quando exprime idéias técnicas, é cinzelada como obra carinhosamente executada por mão de joalheiro caprichoso e hábil. A palavra assume ressonâncias imprevistas que só um artista poderia descobrir, tirando-lhes a vulgaridade. O terra-a-terra desaparece. O lugar-comum inexistente, mesmo em se tratando de fórmulas jurídicas ou artigos de jornal. As idéias, as mais variadas que êle expendeu, como que se cristalizam numa forma impecável, dando assim ao trabalho o duplo valor de obra de pensamento e obra de arte.

Dêsse modo, tudo o que leiamos de Rui deve ser entendido nesse duplo aspecto.

Êle mesmo certa vez reconheceu e proclamou que “só a arte marmoriza o papel, comunica durabilidade à escrita humana e transforma a pena em escôpro”.

Essa frase admirável e magistral é um roteiro seguro para o exato e verdadeiro julgamento da obra de Rui.

Porque, quando o tempo apagar as ressonâncias do seu verbo; quando as idéias novas fizerem esquecidas aquelas a que êle tão sinceramente se devotou; quando de sua luta pelas boas causas nada mais restar na memória dos homens, o seu estilo — admirável condensação das qualidades personalíssimas do artista a êle imanentes — conservá-lo-á bem vivo entre os grandes mestres da palavra, considerada como instrumento poderoso e necessário à exteriorização do sentimento estético.

Entre nós a vocação literaria, em geral, é suspeita aos homens que fazem profissão da carreira publica.

Suppõe-se ser a politica a contradição do bello, como tem sido, neste paiz, da verdade e do bem: uma especie de divindade gaga, semi-mouca e myope, protectora do daltonismo e da surdez, inimiga da harmonia, do colorido e do bolicio da vida, affeiçãoada ás almas sem capacidade esthetica, sem instinctos desinteressados, sem ondulações sonoras; uma combinação da esterilidade das steppes com a taciturnidade das paizagens de Java, onde as aves não cantam. Reformaria, se lh'o permittissem, a criação, forando de lâ o espaço, caiando a natureza de ocre.

Ruy Barbosa (Elogio de José Bonifácio — 1886)